

ATOS DE EMPODER(LETRA)MENTO NAS REDES SOCIAIS: ESCRREVENDO NA PANDEMIA

Robério Pereira Barreto

jpgbarreto@gmail.com/rpbarreto@uneb.br

www.lattes.cnpq.br/1366165411362175

RESUMO:

Este trabalho objetiva trazer à discussão a ausência de metodologias de ensino de leitura e de escrita que permitam os jovens se apropriarem de habilidades e competências leitoras e escritoras que os empoderem como autores em seus perfis de redes sociais. Consideramos que atuar como autor-leitor em ambientes de redes sociais é ato de empoderamento; o autor se autoriza a atos criativos que vão desde o *remix* às narrativas de fãs - *fanfics*. As redes sociais agregam em seus ambientes comunicativos, linguagens multimodais, permitindo novos letramentos: letramento digital, midiático, literário aos interagentes das redes sociais. As redes sociais cumprem o papel de agência de letramento empoderando o leitor-autora a novas produções e retextualizações.

Palavras-chave: Redes sociais, Leitor; Empoderamento.

Introdução

O grande número de pessoas utiliza tecnologias digitais móveis no Mundo e no Brasil aumenta exponencialmente a cada dia, sobretudo no contexto da pandemia do SARS-COV-19, quando a sociedade em seus mais variados espectros foi “obrigada” a migrar do contexto analógico para o universo do digital. Isso, certamente, está vinculado à ampliação das redes tecnológicas e mídias digitais de comunicação, nas quais, as pessoas, em especial, os adolescentes e os jovens que têm acesso à rica produção artística, literária e cultural distribuída através de dispositivos móveis: telefones celulares, computadores e *tablets* assumem novas posturas quando da apropriação do significado dos textos lidos e ou produzidos em rede.

Diante desse quadro, a Organização das Nações Unidas – ONU – tem pesquisas mostrando que, desde 1998, o avanço de telefones móveis, de TVs digitais e da internet permitiu aos adolescentes e aos jovens, desde suas próprias residências e também das ruas, a interação com novos agentes de letramentos. Estamos falando de textos multimodais promotores de estados de

aprendizagens artísticas, literárias e políticas. Isto é, a produção textual em redes sociais colocou em crise, metodologias tradicionais de práticas de ensino com textos e conhecimentos fixos em suportes analógicos, até então, usados pela escola na formação escritora e leitora dos estudantes.

Esta afirmação demonstra que a escola não acompanhou os avanços tecnológicos e cognitivos dos estudantes, perdendo assim, sua primazia de agência suprema de letramento para as redes sociais da web. Por outro lado, os estudantes passaram a aprender através de outras agências de letramento disponibilizadas pela diversidade de sítios e plataformas de comunicação e interação presentes na web – *Facebook, Whatsapp, Youtube, Flick*, etc. Frente a estas provocações, uma sugestão: a transformação da sala de aula em espaço de diálogos em rede, tanto no plano físico quanto no mundo digital, tornaria as práticas comunicativas digitais em novas perspectivas de letramentos, quais sejam: letramento digital, letramento midiático, web letramentos, multiletramentos.

Possibilitada pelo uso de dispositivos móveis digitais conectados aos diversos espaços de agenciamento de aprendizagem da web, quais sejam: links e hiperlinks de vídeos e bibliotecas digitais, grupos de redes sociais, onde especialistas: escritores, ativistas e artistas estão conectados em rede de leitura e de escrita, compartilhando saberes, tecendo críticas sobre o mundo instantaneamente; estes deveriam ser vistos pela escola como um forte aliado na formação e no empoderamento dos jovens e adolescentes através das práticas de letramento e de comunicação ofertadas pelas comunidades digitais da web.

Diante desse cenário contemporâneo, o professor deveria emancipar os estudantes, dando-lhes orientações para que possam consultar e serem consultados sobre os temas selecionados para leitura e, por conseguinte, escritos no contexto formativo de leitor criativo. Aí, teríamos como ouvir suas concepções, estudos e experiências sobre o tema, levando ao aluno a apropriação de saberes até então não conhecidos.

As formas de ensinar e aprender vem passando por processo sistemático de mudanças. Diríamos então, que um dos responsáveis por tal acontecimento é o acesso às tecnologias digitais e seus ambientes sociais e virtuais de aprendizagens em rede e, por sua vez, o contato que os jovens estabeleceram com as ferramentas digitais móveis em seu cotidiano dentro e fora da escola; mais

fora do que dentro da escola, tem levado a uma maior emancipação do leitor no campo da leitura e da produção escrita, seja ela individual ou coletiva.

Consideramos importante reconhecer que estar conectado é mais que uma necessidade ou desejo individual, é um modo de viver em rede e na coletividade exercendo a “cidadania plena” ofertada pela democracia digital; onde os palcos de aprendizagens e compartilhamentos são instantâneos e abertos a interações. Desse universo surgem atuações individuais e coletivas, as quais fazem dos participantes, sujeitos com práticas comunicativas e discursivas empoderadoras e socialmente reconhecidas pela comunidade e pelos grupos da rede social da web, na qual existem as filiações e as trocas de textos, sejam eles orais ou escritos.

Diante das teses construídas acima, cremos que elas justificam nosso objetivo nesse texto: mostrar quão atualizada é a discussão sobre uso de dispositivos móveis digitais e das redes sociais como espaço para práticas comunicativas e de webleitamentos, tendo como ponto de partida, o reconhecimento de que os textos produzidos e veiculados nas redes sociais estão assentados na linguagem multissemiótica e multimodal da web. Logo, o ensino de leitura e de escrita até então trabalhados pela escola, encontra-se em desarmonia com a realidade das práticas leitora e escritora dos jovens.

2. O que nos ensinam as redes sociais?

A comunicação interpessoal e interinstitucional tornaria na sociedade da informação sistemas complexos, Moles afirma: “considerada como um sistema, a sociedade propõe uma nova atitude cujas regras e cujo funcionamento nos cumpre enunciar. Coloca em termos inteiramente novos o problema das relações entre a liberdade do indivíduo e o desenvolvimento do organismo social” (MOLES, 1973, p. 9).

Dessa maneira, à medida que o sujeito se expressa por meio de práticas de escritas multimodais em espaços de escritas das redes e das mídias sociais, ele se assume com sua postura linguística; posiciona-se textual e semioticamente para garantir seu saber multissemiótico do texto que, por sua vez, é autorrepresentação de seus pensamentos e opiniões a respeito do que está em discussão na rede.

Barton (2015) diz que as formas com as quais as pessoas se expressam na rede digital usando a língua e suas representações imagéticas, na verdade, são posturas que os interagentes assumem

para falarem de si por meio da escrita como mecanismo de interação. “A postura é marcada por formas particulares de linguagem, mas também por outros recursos para a construção de significado. Em qualquer declaração de postura, há três principais – a pessoa que expressa à postura, o tema discutido e os recursos utilizados” (BARTON, 2015, p. 118).

Nas práticas comunicativas nas redes sociais, as pessoas utilizam elementos multissemióticos e multimodais para expressarem seus saberes a respeito de variados temas. Inclusive, é através de práticas letradas que conseguem falar sobre si mesmo, ao mesmo tempo em que permite aos demais membros da comunidade discursiva¹ expor seus sentimentos, evidenciando sua postura linguística, cultura, política ideológica.

Esses atos de posicionamento multimodal-multilíngue são geralmente autogerados no início e mais tarde se tornam colaborativos. É uma forma evidente de prática vernácula que as novas mídias tornaram possível. São essas formas dinâmicas, multimodais, interativas de posicionamento *que fazem com que as redes se tornem espaços apropriados para compartilhamentos desde fotos a vídeos contendo os mais variados sentidos.* (grifo meu) (BARTON, 2015, p. 121).

A sociedade se configurou ao longo de séculos através de sistema de redes. Estas redes se organizaram acerca de elementos de linguagens comuns a todos da comunidade discursiva. A partir daí, a escrita assumi papel relevante no estabelecimento da comunicação ao mediar às interações através de textos.

As redes sociais efetivaram a mediação via textos multimodais, ampliando cada vez mais a importância da prática letrada e comunicativa através de recursos multissemióticos aglutinadores das novas relações da linguagem com os novos sentidos atribuídos às práticas de escrita compartilhadas em redes; bem como a criação de conhecimentos em ambiente digitais é à base das redes sociais e digitais da web.

Barton (2015) reconhece que há uma prática de linguagem em ambientes digitais e apresenta algumas questões com quais concordamos.

¹ Consideramos tais comunidades como espaços onde os envolvidos se encarregam de compartilhar com os mais novos membros da comunidade, os mecanismos linguísticos e culturais que os identificam como sujeitos com os mesmo objetivos comuns e em rede.

O mundo é cada vez mais mediado por texto, e a web é parte essencial dessa mediação textual. A escrita se torna cada vez mais importante na vida contemporânea. A linguagem escrita é fundamental para as atividades vernáculas da vida cotidiana. [...] cada vez mais, as novas tecnologias são o veículo dessa mediação textual. Essas tecnologias oferecem espaços de escrita de novos e distintos, [...] as pessoas exploradas virtualidades desses espaços de escritas; e formas letradas estão sendo renegociadas. (BARTON, 2015, p. 30).

Para Recuero (2016), os sites de redes sociais – SNS – (Byod e Ellison, 2007) tornaram-se espaços públicos para discussões e difusão de práticas de linguagens importantes para a sociedade atual. Nesse lugar social de comunicação e discurso, as redes sociais, no mínimo borraram as fronteiras comunicacionais até então sustentadas por pelas mídias dominantes.

Hoje, o trânsito de mensagens em rede participativa com significados que empodera o leitor e o produtor da mensagem são muito maiores e, com isso, admite ampla participação de indivíduos que escrevem e leem em rede.

Nos sites de rede social, as práticas conversacionais também delineiam discursos. O termo “discurso” é aqui definido como uma forma de representação e reprodução ideológica que compreende “o domínio geral de todas as informações, algumas vezes como um grupo individualizado de afirmações, outras vezes, como uma prática regulada que reflete um número de afirmações”(FOUCAULT, 1999, p. 80).

Assim, vale provocar dizendo: a escola enquanto agência oficial de letramento deveria compreender a importância do uso das ferramentas digitais em seu contexto educacional; posto que, elas dão acesso aos professores às tecnologias digitais disponíveis. Seria então, uma forma de empoderá-los diante das demandas reais que as crianças e os jovens trazem ao processo comunicativo e educacional em debate dentro da sala de aula? O ensino e a aprendizagem de agora demandam interação e conectividade, portanto, requer novas metodologias para que os professores possam oportunizar aos alunos assunção de seus lugares no palco das aprendizagens; web.

Apesar de vivermos na sociedade conectada e em rede, esta tese não tem sido aplicada no cotidiano da sala de aula. Não obstante à fortuna de conhecimentos e produção artística literária da e na rede, ainda temos professores que se consideram os donos do saber e não permitem aos aprendizes irem além dos limites por eles impostos, controlando assim, que é ensinável e o que é aprendível.

Contrário a essa postura, os estudantes têm assumido as cenas de aprendizagens e trazido para a sala de aula desafios ao corpo docente, apresentando demandas educacionais e de aprendizagens que só podem ser respondidas em rede colaborativas. Todavia, a escola brasileira, de modo geral, ainda não está preparada para atender as necessidades pedagógicas da comunidade digital que se articula através de leitura e de produção textual multissemiótica e multimodalidade corrente nos sites de redes sociais. “As práticas de linguagens na contemporaneidade exigem novas reflexões no processo de ensino da leitura, já que novas são as relações multiculturais entre o que é local e global, valorizando e não valorizando; novas são as formas de circulação dos textos e as situações de produção de discursos; novos são os gêneros e as ferramentas de leitura-escrita” (ROJO, 2012, p. 168). Usar as ferramentas digitais na escola para ações de leitura e escritas contribui para o empoderamento discursivo dos estudantes, fortalecendo assim, o protagonismo de crianças e estudantes no contexto da aprendizagem colaborativa e em rede de interações, que trazem em seu escopo conteúdos autorais significativos.

Ler e escrever gêneros discursivos em redes sociais deveria ser encarado pela escola como construção de projetos de vida e de cidadania. Para Chartier (1998), o processo de leitura realizada no ambiente digital – tela do computador e demais dispositivos – é fruto de uma organização estrutural do texto, é orientada para a valorização da sequência e da continuidade do texto na tela. Sem dúvida, temos neste processo, o borramento das margens do texto, visto que o leitor pode ler várias páginas de livros diferentes ao mesmo tempo.

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir texto que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler (CHARTIER, 1998, p. 13).

Diríamos que é fundamental que novas práticas metodológicas para o ensino de leitura, especialmente, as de gêneros literários levem em consideração o afastamento do leitor com relação texto na tela dos dispositivos móveis digitais.

Chartier (1998) tratando da relação do leitor com o texto eletrônico diz que há certo grau de afastamento dos e nos modos de ler digitais, considerando que nesta modalidade de leitura, o leitor

de texto em ambientes digitais é a metamorfose resultante de leitores da antiguidade e do texto impresso. Isto é consequência da flexibilidade do texto eletrônico cuja mediação leitor texto é feita pela tela. “O texto eletrônico lhe permite maior distância como relação ao escrito. Nesse sentido, a tela aparece como ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo. [...] o texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal” (CHARTIER, 1998, pp. 13-4).

Nesta totalidade, a revolução na produção textual no ambiente digital atingiu frontalmente a simbiose do autor com o texto; visto que no processo intimista em que o autor se valia de gestos e esforços corporais para produzir uma escritura personalizada, o uso da máquina de escrever e, em seguida do computador através de um teclado mediando à ação escrita “instaura um afastamento entre autor e seu texto” (CHARTIER, 1998, p. 16). Como consequência disso, são novas práticas de escrever e de ler textos mediados pela tela dos dispositivos digitais, onde os caracteres são alterados conforme toque feito à tela.

As redes digitais permitiram o interfaceamento dos papéis de leitor e escritor. Isso acontece devido haver uma cultura de conexões na qual o escritor ao produzir seu texto no ambiente digital, automaticamente, ele o compartilha nas redes sociais, assumindo assim, o lugar do distribuidor diante de público leitor.

As redes sociais trazem questões importantes sobre o papel do leitor-escritor que, por sua natureza é, em si mesmo, sujeito participante da cultura conectada e em rede. De este lugar discursivo lhe é permitido emitir sua opinião sobre o texto lido-escrito em rede, tomando assento no panteão da crítica real, aquela direcionada ao autor sem os rebuscamentos da linguagem crítico-literária.

Segundo Chartier (1998) o leitor digital reage instantaneamente às publicações emitindo juízo de valor a respeito do que foi lido. Talvez essa liberdade ocorra, devido o distanciamento que a tela garante aos participantes da rede de escrita. “As redes eletrônicas ampliam esta possibilidade, tornando mais fáceis as intervenções no espaço de discussão constituindo graças à rede” (CHARTIER, 1998, p. 18).

Escrever na rede impõe uma série de desafios para o autor, devido a fatores estruturais da rede; o autor atua no par escritor-leitor de maneira instantânea, uma vez que, as interações com o

público o leva a ler comentários realizados pelo leitor que atua como crítico emitindo suas opiniões sobre o texto.

No campo textual em vigor, redes sociais e digitais; as escritas literária e criativa se destacam a ponto de ganharem status de empoderamento discursivo; escreve-se na rede utilizando linguagens multimodais para ampliar significativamente a interação entre escritor e leitor, dando a ambos, poder para decidir qual o tal texto é compartilhado ou rejeitado.

Chartier (2002) considera esse cenário como desafiador tanto para quem escreve quanto para quem ler.

Essa revolução modifica, ainda, que se poderia chamar a ordem das razões, se com isso entendermos as modalidades das argumentações e os critérios ou recursos que o leitor pode mobilizar para aceita-las ou rechaçá-las. Por outro lado, a textualidade eletrônica permite desenvolver as argumentações e demonstrações segundo uma lógica que já não é necessariamente linear nem dedutiva, tal como dá a entender a inscrição de um texto sobre uma página, mas podem ser abertas, clara e racional graças à multiplicação dos vínculos hipertextuais. Por outro lado, e como consequência, o leitor pode comprovar a validade de qualquer demonstração consultando pessoalmente os textos (mas também as imagens, as palavras gravadas ou composições musicais) que são objetos da análise se, evidentemente, estiverem acessíveis numa forma digitalizada. (CHARTIER, 2002, p. 24)

A presença do texto em redes e ambientes sociais e digitais lança ao mundo leitor umas questões ainda não completamente respondidas, quais sejam: Como caracterizar o leitor de textos literários em redes sociais digitais? Qual o formato da leitura de textos em ambientes multimodais como a web? Quais os desafios que os ambientes digitais impõem ao escritor e ao leitor conectado à multimodalidade dos textos correntes nas redes sociais? Estas inquietações remetem a pesquisa empírica na qual os sujeitos – escritor e leitor dessa modalidade textual – poderiam robustamente responder a tais questionamentos colocando-se como sujeito vivo do processo de ler e escrever na cultura digital.

Chartier (2002) nos auxilia com alguns posicionamentos esclarecedores ao nos lembrar de que, o processo de leitura nos ambientes digitais onde circulam textos realizados a partir de linguagens multimodais deve considerar que:

a tela não é uma página, mas sim um espaço de três dimensões, que possui profundidade e que nele textos brotam sucessivamente do fundo da tela para alcançar a superfície iluminada. Por conseguinte, no espaço digital, é o próprio texto, e não o seu suporte, que está dobrado. A leitura do texto eletrônico está concebida nesse caso como desdobramento

do texto eletrônico, ou melhor, uma textualidade suave, móvel e infinita. (CHARTIER, 2002, p 31).

Os sentidos que são atribuídos à leitura e à escrita nos ambientes de redes sociais dependem da interação autor-texto-leitor. Na maioria das vezes aquele que escreve se inscreve num contexto discursivo reconhecido por todos os participantes.

Dessa maneira, a linguagem e os códigos linguístico e semiótico servem como bússolas orientadoras dos significados das mensagens. Inferimos que nesse processo interacional possibilitado pelas redes sociais e os ambientes digitais, a comunicação via escrita e leitura em rede movimenta a concepção dialógica da linguagem, considerando que os interagentes são ativos produtores de conteúdos social, cultural e linguisticamente sustentados por meio de textos narrativos ou poéticos; tudo depende da perspectiva adotada pelo autor para dialogar com seu leitor.

Não restam dúvidas de que os atos de escrita e de leitura nos ambientes digitais, incluídos aí, os sites de redes sociais, garantem a quem escreve; certo grau de aceitabilidade discursivo. Isto tem sido demonstrado por meio de escritas ativistas feitas recomendações e indicações tanto de leituras quanto de comportamentos pessoais e coletivos na rede.

Esses autores online trazem em suas escritas, discursos de caráter político e ideológico, sistematicamente claros, logo tem a adesão da audiência leitora, fato comprovado nos compartilhamentos e nas curtidas de publicações nas redes sociais. Nesse contexto de produção de escrita com viés declaradamente doutrinador até então, tido como centro da formação discursiva da sociedade, perde terreno para as práticas enunciativas produzidas pelos os jovens diariamente e postados em seus murais de redes sociais através de textos multimodais.

Considerações

O produtor de textos em redes sociais deve ter, em mente, o público que degustará tal objeto de desejo, pois, esta atitude é quem determinará a disposição das telas, que mesmo invisíveis são capazes de produzir significados. Estas práticas passaram a exigir do escritor-leitor habilidades leitoras multissemióticas; os textos aí veiculados são multimodais e circulam em redes sociais e são colaborativamente editados em tempo quase real. Assim sendo, construir suas posições pessoais acerca das mensagens multissemióticas produzidas a partir de técnicas multimodais requeridas

pelos ambientes digitais, não é tarefa fácil, digam-se de passagem, os textos neste suporte multimodal são complexos semióticos que requerem novas habilidades do leitor.

Essa movimentação em rede de leitura e escrita pede novos posicionamentos da sociedade e da escola, para que o exercício das cidadanias até então moldada em padrões de leitura e de escrita analógicas presentes nos suporte impresso, passam a ser restauradas por formações discursivas na rede mundial de computadores: linguagens, sons e movimentos. Mesmo com esse olhar de liberalidade presentes nos ambientes digitais, redes sociais, ha compreensão de que mesmo tendo um viés empoderador, as escritas e as leituras no ciberespaço ainda carregam marcas da violência simbólica e ideológica matizada nas estruturas dominantes nas quais a sociedade foi e está submetida.

Nesta perspectiva, compreendemos as práticas letradas e comunicativas realizadas nos sites de redes sociais como realizações multimodais e multiletradas socializadoras de emoções e sentimentos entre os participantes, os quais se empoderam por meio de uma escrita pautada na revelação de ideologias coletivas, bem como reveladora de autorias coletivas. Por outro lado, a atividade enunciativa em que discurso e autoria se imbricam, faz do autor(es) e do leitor(es) seres ontológicos nas redes. Assim, as práticas de escrita e de leituras nos ambientes de redes sociais empodera os interagentes, ao tempo em que eles compartilham seu poder de falar e sua capacidade de ouvir a sua audiência conectada através de redes de sujeitos ativos.

Referências

BAKTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo, Hucitec, 1994.

BARTHES, Roland. *Aula* (trad. Leyla Perrone –Moisés) São Paulo: Cultrix, 1978.

BEATRIZ, Sarlo. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e video-cultura na Argentina* (trad. Sérgio Alcides) 2. ed. Rio de Janeiro, UFRJ, 2000.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

MOLES, Abraham. *Rumos de uma cultura tecnológica*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

PALFREY, John. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

ROJO, Roxane. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

WILLIAMS, Raymond. *A produção social da escrita*. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Possui graduação em Letras Português, Inglês, Espanhol e respectivas literaturas pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT mestrado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, e doutorado em pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente, é professor Adjunto – UNEB – Campus V – Pesquisador permanente do PROFLETRAS desta mesma Universidade.